Festa hostil: música e emoção na Popular

Vinícius Teixeira Pinto

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Atuou, de 2023 a 2025, como Professor Substituto do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (DAA/UFPel). Tem experiência de pesquisa na antropologia das práticas esportivas, antropologia da política, antropologia econômica e antropologia da música, interessando-se, atualmente, pelos temas da democracia, dos direitos e da cidadania para além do âmbito do Estado. Em 2023, sua tese de doutorado, que aborda clubes de futebol como universos políticos, foi indicada à premiação nacional do Concurso ANPOCS de Teses e Dissertações nas áreas de Ciências Sociais. Atualmente, é bolsista PDE/CNPq e pesquisador vinculado ao Institute of Advanced Studies da Loughborough University, Reino Unido.

Email: viniciustxp@gmail.com

Resumo

Este artigo contribui ao estudo das práticas esportivas no Brasil ao apresentar uma reflexão teórica a respeito dos elementos que compõem a festividade para as torcidas organizadas, em especial para aquelas que se autodefinem como barras no Rio Grande do Sul. Para tanto, a proposta recupera a consistente literatura sobre o tema e propõe novos desenvolvimentos a partir de proposições fomentadas desde os estudos da música, das emoções e da antropologia econômica. O caso que enseja a reflexão é o da torcida Guarda Popular ligada ao Sport Club Internacional, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A hipótese proposta para compreender a atuação desta e de outras torcidas sugere que suas definições da festividade no futebol comportam simultaneamente apoio e cobrança ao clube. A noção proposta de "festa hostil" busca descrever justamente as *performances* musicais/guerreiras que devem ser sempre hostis aos adversários e, eventualmente, também aos dirigentes e jogadores do seu próprio clube.

Palavras-chave: torcidas organizadas; clubes de futebol; antropologia das práticas esportivas; emoções; música.

CC BY

The Hostile Festivity: Music and Emotions in the Popular Crowd

Abstract

This article contributes to the anthropological studies on sport by presenting a theoretical proposal to understand the aspects that make up the festivities for organised supporters, especially those who define themselves as barras in Southern Brazil. To that end, the proposal recovers the consistent literature on the subject and proposes new developments based on anthropological propositions fostered from the studies of music, emotions and economic anthropology. The case in question involves the Guarda Popular supporters of SC Internacional from Porto Alegre, Southern Brazil. The hypothesis to understand the actions of this and of other fans suggests that their definitions of festivity in football include both support for and criticism of the club. The proposed notion of a 'hostile festivity' describes the music/warfare performances that must always be hostile to the opponents and, eventually, also to the club's managers and players.

Keywords: organized fan groups; football clubs; anthropology of sport; emotions; music.

Introdução

De 2019 a 2022, acompanhei as relações estabelecidas entre a Guarda Popular, uma torcida organizada de futebol, mais precisamente de tipo barra, com outros agentes de seu universo: seu clube de futebol e os rivais, os demais torcedores e torcidas do próprio clube, os dirigentes, os jogadores, além de outros profissionais do mundo esportivo e, evidentemente, as outras torcidas adversárias (cf. Teixeira Pinto, 2022). As circunstâncias etnográficas incluíram, ao longo de três anos, jogos no estádio local, jogos em estádios visitantes, o apoio nos treinamentos do time, os protestos no pátio do estádio e tantos outros em que esta torcida demonstrou seus sentimentos modulados pelo pertencimento clubístico. Foram momentos de expressão coletiva da alegria e do prazer, mas também da tristeza e da raiva. Neste artigo, discorro a respeito e analiso as performances e os repertórios desta torcida com o objetivo de colocar em questão os elementos poéticos que compõem sua festa. Uma festa que, defendo adiante, expressa sentimentos circunstanciados ao universo do futebol, entre os quais um "amor incondicional" ao clube. Proponho que esta festa, embora seja recreativa, incorpora também elementos de hostilidade e animosidade que podem ser direcionados tanto ao exterior da comunidade clubística quanto ao interior. Para sustentar este argumento, abordo, a partir das *performances* musicais e imagéticas, o apoio incondicional e as cobranças ao time. Expressões, em aparência, conflitantes, mas que conformam as duas faces de uma mesma moeda: o amor pelo clube.

Tratado como um "espaço da emoção", orientado por comportamentos considerados ilógicos, irracionais e passionais, o estádio de futebol é frequentado por torcedores e torcedoras que costumam atribuir sua predileção por um time ou outro justamente a esse amor incondicional – desde sempre e para sempre (Damo, 2012). Quando se fala em torcidas, esse entendimento costuma explicar tanto os sentimentos de alegria e felicidade das festas, quanto seu aspecto menos desejável, o sofrimento pela derrota, ou, ainda, as brigas, os tumultos e os enfrentamentos violentos, questões supostamente inexplicáveis do ponto de vista da racionalidade para determinado senso comum. A literatura sobre o tema é vasta, conforme demonstram diferentes balanços bibliográficos (Toledo, 2001; Alabarces, 2004b; Giglio; Spaggiari, 2010), e sabemos bem que nem são traços de bestialidade ou de irracionalidade (Bromberger; Hayot; Mariottini, 1995, p. 207–211), mas sim comportamentos esperados a partir de certos grupos e marcadores identitários (Armstrong, 2003; Armstrong; Giulianotti, 1999; Giulianotti; Bonney; Hepworth, 1994), até mesmo, encorajados em dados contextos que valorizam o desenvolvimento de disposições corporais seja para a participação em cânticos e coreografias, seja para a participação guerreira no espetáculo esportivo (Alabarces, 2004a; Alabarces; Zucal; Moreira, 2008). São sociabilidades que alimentam e reproduzem consigo o conflito ora jocoso (Damo, 2012; Gastaldo, 2010), ora violento (Toledo, 1997).

Desde o ponto de vista de uma antropologia das emoções, compreendemos também que o pertencimento clubístico, apesar de atribuído a razões "inexplicáveis", apresenta-se orientado por lógicas muito próprias que ditam expectativas sobre a expressão dos sentimentos, as interdições, além de outras etiquetas na relação entre torcedores de um mesmo time ou de times rivais. No aprendizado do torcer, há, como em outras práticas corporais (Archetti, 1999; Wacquant, 2005), todo um processo de educação emocional generificada que, ao fim, é apagada da biografia dos torcedores, de modo que, no universo relacional do futebol substancialmente marcado pelo antagonismo, a

> [...] dor dos gremistas é o combustível da alegria colorada, razão pela qual aprender a amar o Inter é tão importante quanto detestar o Grêmio e o processo de socialização torcedora inclui tal sensibilidade. A incorporação dos dispositivos de amor e de ódio diante da derrota e da vitória, tanto quanto em relação a um "nós", representado pelo clube/time amado, e a um "outro", identificado com o clube/time rival, é um processo gradativo, de educação sentimental, pois a expressão pública desses insultos envolve algumas regras em relação a espaços, tempos, pessoas e, sobretudo, certo autocontrole acompanhado de humor, sarcasmo, ironia e criatividade (Damo, 2012, p. 65).

Com relação aos tempos e espaços, o estádio tem sido, ou ao menos foi por muito tempo, um palco, por excelência, para as ofensas, o deboche, os palavrões e a galhofa, dando vazão a comportamentos interditados, no ambiente de trabalho, no lar ou em outros contextos, o que poderia ser lido, pela clássica noção antropológica de ritual, como uma forma de suspensão ou inversão temporária da ordem e dos valores (Turner, 1995; DaMatta, 1998; Gordon; Grundlingh, 2016) e na qual torna-se aceitável o uso de fantasias literais ou figuradas. Concordando com a supracitada compreensão de que há uma educação tanto da incorporação dos sentimentos quanto da expressão das emoções no futebol, pode-se pensar, para além de explicações psicológicas, nas emoções como fundamentais na relação entre indivíduo e grupo, sendo tanto uma linguagem quanto uma ação simbólica, para usar as noções de Marcel Mauss (2013). Tomada como ação simbólica, ou ainda prática discursiva corporificada (Lutz; Abu-Lughod, 1990), deve-se ter em mente os contextos de expressão das emoções.

Para dar continuidade ao crescente conjunto de estudos que exploram a interface entre esporte e emoções (Elias; Dunning, 1992; Leite Lopes, 1995; Archetti, 1999; Damo, 2002, 2008; Wacquant, 2005; Rojo, 2011, 2021; Pacheco, 2014; Bandeira; Hijós, 2017; Rios; Coelho, 2020; Toledo, 2023), e tendo como ponto de partida as *performances* torcedoras no contexto futebolístico, problematizo os comportamentos, em aparência antagônicos, de apoio e cobrança ao time enquanto constituintes de dada economia moral (Fassin, 2014) que, para determinadas torcidas brasileiras, consiste no chamado amor ao clube. Para fundamentar a noção de "festa hostil" – afinal ela deve ser sempre hostil aos adversários e, eventualmente, ao próprio time –, emprego uma abordagem que tem a música como epicentro. Desde a subárea da etnomusicologia que, em sua constituição, se dedicou ao estudo musical em mundos não ocidentais (Menezes Bastos, 2013), tomo por empréstimo a definição da música como *performance* (Cook, 2013). Esta noção possibilitou inicialmente considerar elementos não sonoros, historicamente desprezados pela musicologia, porém muitas vezes essenciais em outros arranjos sociais (Feld, 2012). Entre outras contribuições quando da conformação da etnomusicologia, foi possível deixar de avaliar a música como um elemento cujos significados deveriam ser decodificados, deslocando o interesse analítico do significado para os efeitos da experiência musical sobre o ouvinte, de modo que uma etnografia da música deve estar atenta ao contexto da audição (Seeger, 2008). Sendo a Guarda Popular uma torcida que atua com artifícios visuais, como bandeiras, trapos, fogos e coreografias, mas tendo sempre a música como seu elemento mais chamativo, entendo que o conceito de *performance* musical é bastante pertinente e o emprego para avaliar a atuação poética do grupo, visto que inclui também os elementos não sonoros que fazem parte dessa atuação. Assim, a noção de *performance torcedora*, ao considerar as disposições verbais, gestuais e corporais, mostra-se pertinente ao passo que contribui para analisar diferentes modalidades de experiência do jogo de futebol e do torcer.

Estaremos contigo: o amor ao clube

Fonte: Autoria própria.

A música e, sobretudo, o canto são elementos constituintes da experiência torcedora. Mesmo os frequentadores menos assíduos dos estádios, incluindo aqueles que têm pouco interesse pelo esporte, conseguem identificar a melodia e a letra do hino de seus clubes. O mesmo acontece em relação às músicas mais famosas das torcidas organizadas. Neste sentido, os estádios oferecem experiências sonoras e visuais bastante singulares cuja captação através da televisão ou das gravações de celular é capaz de reproduzir apenas em parte. Nem todas as torcidas organizadas dispõem de banda e músicas próprias, no entanto, para algumas delas, os jogos são momentos de *performance* do pertencimento clubístico, através de cânticos, coreografias, bandeirolas, trapos e outros apetrechos que expressam – e, pode-se dizer, fabricam – uma noção de "amor ao clube".

O futebol se torna, para além da percepção pelo olhar que permite valorar desempenhos (Toledo; Costa, 2023, p. 35), uma experiência musical e multissensorial (Noleto; Pérez Guarnieri, 2024) para qualquer um que o frequente. Afinal é também devido à educação do ouvir, ou à audição do mundo (Menezes Bastos, 1999, 2012), que sabemos se devemos manifestar indignação, lamento ou alegria, sobretudo porque o jogo nas arquibancadas é feito de muitos pontos cegos ou de baixa visibilidade: se estamos próximo ao campo, perdemos a perspectiva global; se estamos distantes, perdemos o

detalhamento. Há também os pontos de aglomeração nos quais a visão é encoberta ou, ainda, os torcedores que efetivamente não assistem ao jogo seja porque estão segurando bandeiras ou outros artefatos da torcida.

Extasiados, antes dos jogos, os torcedores cantam em grupos e até sozinhos, nos arredores do estádio, nos ônibus de linha urbana ou de excursão. No caso das torcidas organizadas, a sonoridade assume uma proporção ainda maior, sendo um requisito obrigatório para frequentar o setor do grupo. É pelas cantorias que sentimos chegarem ao bairro ou ao estádio. A música, tocada sem interrupção enquanto a bola rola em campo, forma uma espécie de peça sequenciada, em que o arranjo depende daquilo que acontece na partida e no estádio. Por seu aspecto sequencial, diria Seeger (2013), tem-se uma música tocada ao vivo, cujo sentido só é produzido em interação com o entorno. São contextos nos quais canções isoladas e avulsas têm pouco valor em si, visto que só fazem sentido quando pensadas em relação ao conjunto da *performance*, a saber: quais canções vieram antes e quais virão depois; qual o local; qual a audiência; e quais eventos estão se sucedendo simultaneamente à execução musical. Apesar de as músicas não serem inéditas ou improvisadas, formam, em boa medida, uma experiência singular que, no caso do futebol, tem relação direta com circunstâncias esportivas e políticas das comunidades clubísticas.

Nos estádios, e sobretudo naqueles de clubes grandes, pode haver mais de uma torcida organizada que, embora vestindo as mesmas cores e torcendo para o mesmo time, reproduzem simultaneamente músicas próprias diferentes. Este é o caso do contexto da realização desta pesquisa a partir do Sport Club Internacional (Internacional/Inter) e do estádio Beira-Rio em Porto Alegre. O Inter reconhece oficialmente cinco torcidas: a Guarda Popular (também conhecida como Popular, fundada em 2004), a Camisa 12 (12, fundada em 1969), a Força Independente Colorada (FICO, fundada em 1977), a Nação Independente (Nação, fundada em 1992) e a Força Feminina Colorada (FFC, fundada em 2009). Isso significa que cada uma destas, bem como seus integrantes estão cadastrados na Central de Atendimento ao Sócio (CAS), que é o órgão deste clube dedicado a monitorar e assessorar seu quadro social. Até existem outras torcidas, como é o caso da Roots ou da Discípulos de Rao, que não estão formalmente cadastradas. O reconhecimento formal implica em conceder ao clube as informações pessoais, além de demandar a vinculação via associação, de cada integrante da torcida. A formalização, no entanto, é essencial para que as torcidas tenham certos direitos no estádio, entre os quais: a participação em reuniões com o clube e com a polícia para definir operativos de segurança em certos jogos, a realização de ações no estádio, incluindo a colocação de faixas e bandeiras em determinados setores, a permissão de entrada com instrumentos musicais, que são fundamentais para as bandas, e, eventualmente, a reserva de alguma carga de ingressos.

Estas torcidas atualmente reconhecidas não apenas foram fundadas em épocas diversas e ocupam setores próprios no Beira-Rio. Elas também reúnem seus participantes em função de recortes identitários e socioeconômicos específicos, de modo a provocar uma comunhão de gostos e de valores próprios. Neste sentido, é sabido que a FFC, por exemplo, é uma torcida criada por mulheres que, reconhecendo a necessidade de enfrentar as discriminações de gênero no futebol, dedica-se sobretudo à reunião de mulheres no estádio. A Nação é, muitas vezes, identificada pelos torcedores colorados como sendo a torcida mais ligada às classes de menor poder aquisitivo. A FICO, por sua vez, tem sido identificada como uma torcida "mais tranquila", "mais família". A 12 é valorizada por ser antiga e tradicional, afinal é tida como a pioneira no Rio Grande do Sul ao incorporar o modelo de Torcida Organizada Independente (TO), aportando os bandeirões e o samba-enredo. A Popular, que motiva as reflexões deste artigo, destaca-se das demais ao se definir como uma barra.

Neste ponto cabe um rápido parêntese sobre a história desta torcida. Criada em 2004, no momento que o Beira-Rio passava por uma primeira fase de "modernização" com a extinção de seu setor mais barato, a Guarda Popular resulta da unificação de duas torcidas, a Guarda Colorada e a Popular do Inter. Este tema já foi desenvolvido em outras ocasiões (Teixeira Pinto, 2022, 2024; Teixeira Pinto; Damo, no prelo), mas aqui importa dizer que a insurgente torcida propunha a introjeção de gêneros musicais das arquibancadas de Argentina e Uruguai, de uma imagética baseada nas torcidas destes países e, não obstante, de uma forma de organização política sem a presença de estatutos formais, cargos de poder definidos e quadro societário. Estas características rompiam radicalmente com os modos de organização das consolidadas TOs brasileiras, que, ao formalizarem a política, definem, em muitos casos, seus líderes via eleições. As mudanças políticas aportadas pelas barras fomentaram uma modalidade de arregimentação que valorizaria o antagonismo violento interno como forma legítima de resolução de conflitos entre suas lideranças torcedoras. Não que estas dinâmicas fratricidas não ocorressem antes ou em outras torcidas, no entanto, nas barras, mostram-se preponderantes quando comparadas a outras formas de mediação do conflito.

Este não exatamente é o tema central de nossas preocupações nestas páginas, porém é fundamental ter em conta que, quando surgiram no Rio Grande do Sul, as barras Guarda Popular e Geral do Grêmio tiveram enorme êxito, tornando-se as mais numerosas no Internacional e no Grêmio respectivamente e provocando complexas modificações desde a política à estética nos estádios. E, neste segundo âmbito, a sonoridade da bateria de escola de samba, então predominante, perdeu espaço, afinal tanto a primeira como a segunda passaram a empregar as murgas (composta por um bumbo e um prato) e metais (principalmente o trompete). Com isso, os sons mais destacados deixaram de ser instrumentais e passaram a ser os cânticos, de maneira que as letras também se tornaram mais extensas.

Segundo as entrevistas que realizei com o líder da banda à época da pesquisa, a escolha do repertório dialoga diretamente com o andamento da partida: "Quando o time tá precisando fazer um gol, a gente toca para motivar. Se tá muito mal e o estádio tá quieto, [toca] uma pra acordar. Se tá ganhando bem, já é alguma em ritmo de comemoração". Nos jogos qualificados como de maior importância, sobretudo quando ocorrem contra adversários difíceis, a mobilização da torcida costuma ser maior. Minutos antes do início da partida, no *recebimento*, a banda opta por músicas conhecidas e simples, com poucos versos, de modo a contagiar todo o estádio. Nesses casos, é quase sempre o grito: "Oh! Vamo vamo Inteeer/ Vamo vamo Inteeeeer! Ooh", consagrado em 2006, na campanha do título da Libertadores do Mundial de Clubes. Outras músicas de poucos versos, mas de rítmica rápida, fazem parte desse repertório para jogos difíceis, como os gritos de "Coloraaaado! E dale Coloraaaaado!" ou "Cooolorado, coloraaaado/ Nada vai nos separar/ Somos todos teus seguidores/ Para sempre eu vou te amar".

O repertório aumenta sempre que uma nova música é adaptada pela banda. Este é um dado relevante: em geral, as peças são arranjos de outras composições conhecidas, fazendo do futebol um contexto em que prevalecem apropriações musicais para a elaboração de novas canções. São versões que, seguidamente, desafiam os limites dos gêneros musicais (Dominguez, 2011), fazendo valer critérios outros para sua apreciação. Assim, o *setlist* colorado inclui temas de Beatles a Xuxa, passando por Roberto Carlos e Fito Páez. Por este motivo, as bandas das torcidas jamais reivindicam a autoria da música, outrossim a autoria da adaptação. E, neste sentido, a banda da Popular é reconhecida por ter feito arranjos que se notabilizariam e foram posteriormente apropriados por torcidas de outros clubes. Um bom exemplo disso é "*Camisa Vermelha*", provavelmente sua canção mais ilustre. Trata-se de uma versão de "*Pelados em Santos*" da banda Mamonas Assassinas e seus versos reforçam uma temática principal, que é a declaração de amor, apoio e fidelidade ao clube: "Inter!/ Estaremos contigo, tu és

minha paixão/ não importa o que digam, sempre levarei comigo/ Minha camisa vermelha e a cachaça na mão/ O Gigante me espera para começar a festa/ Xalaialaia, xalaialaia/ Você me deixa doidão". Outra versão inovadora é "*Oh Inter*", que consiste em uma adaptação de "*Oh Carol*" de Neil Sedaka. No arranjo para o estádio, canta-se: "Levamos a nossa paixão/ Sempre no peito de um campeão/ Ooh Inter! Sempre vou estar/ Eu te prometo nunca abandonar".

A exaltação aos feitos históricos e aos jogadores-ídolos também aparecem em boa parte dos temas, por exemplo em "*Academia do Povo*" que faz uma homenagem a três jogadores de diferentes épocas: "Academia do Povo só tem uma/ E se chama Inter essa loucura/ É um sentimento, para mim, uma religião/ Salve Bodinho, Dom Elias, também Falcão/ Vamo Inter! Vamo Inter!". É, no entanto, nos trapos – espécie de pedaços de pano confeccionados pelos torcedores – que aparecem a maior parte das menções da torcida ao passado: imagens de jogadores de diferentes gerações, preferencialmente aqueles considerados bravos e "raçudos" que "honraram a camiseta": o goleiro Manga dos times de 1975 e 1976, o volante Dunga, capitão da Seleção Brasileira no campeonato mundial de 1994, e Guiñazú, um jogador campeão da Libertadores de 2010 que é valorizado mais por sua valentia do que por sua técnica. O mais recordado deles é Fernandão, que foi o capitão das conquistas da Libertadores e do Mundial de Clubes de 2006. É também nos trapos que a torcida expressa a memória a antigos torcedores seus já falecidos.

As *performances* musicais dependem do envolvimento nas coreografias, sendo necessário para demonstração do apoio ao time. A maioria das músicas tem, a partir da marcação de seus tempos, gestuais próprios, quase sempre envolvendo o movimento dos braços. Essas coreografias em alguns casos, envolvem tremular bandeirolas e pular ao ritmo da música, principalmente nos temas de comemoração e provocação aos rivais.

Desde a proposta de antropologia da arte de Alfred Gell (2018), poderíamos dizer que esse conjunto de disposições estéticas não é meramente decorativo. Para além da possibilidade de apreciação, são também tecnologias com agência sobre o mundo. As canções, dizem os torcedores, podem afetar o time – e "fazer efeito" – se cantadas com intensidade e ouvidas/sentidas em todo o estádio, principalmente pelos jogadores. Mas, além disso, é, principalmente, com elas que a torcida se territorializa no estádio. Música, faixas e bandeiras são formas de identificar a qual grupo pertence determinado setor, o que autoriza os torcedores que fazem parte deste território a delimitar o espaço e a impor convenções e etiquetas a quem se aproxima. Ora, os estádios são compostos por diferentes territórios e regras tácitas de convívio, o que não chega a fazer dos setores das torcidas os únicos em que ocorre a expectativa de comportamentos específicos. Mesmo nos locais onde não estão as organizadas, há uma série de convenções, como quando vemos torcedores sendo recriminados por tentarem assistir ao jogo em pé e bloquearem a visão daqueles que preferem fazê-lo sentados. Em alguns cantos, a música tem menor adesão e os esbravejamentos e a crítica, conhecida também como a "corneta", são bem aceitos. No caso das torcidas organizadas – e especificamente na barra – a participação na *performance* musical é esperada e inclusive demandada. Cantar constitui a forma básica de demonstração do apoio ao time e do amor pelo clube.

Fonte: Ricardo Duarte/Divulgação Inter.

Mas a territorilização não ocorre apenas pela ocupação de assentos ou arquibancadas. A música, diferentemente da banda e dos trapos, se desloca por todos os setores e é também uma maneira de disputar o estádio. Entre os êxitos da Popular, o líder da banda considera que a torcida conseguiu acabar com o murmurinho e as vaias vindas das sociais do Beira-Rio durante os jogos. Segundo sua avaliação, isso ocorreu graças à mudança de estilo de torcer, antes nos moldes da bateria das TOs. Com a incorporação da murga, baseada na estética argentina das *hinchadas*, a torcida passaria a um gênero musical mais "cantado", "apoiando durante os 90 minutos, ganhando ou perdendo". Neste sentido, a capacidade de uma torcida cantar e ser ouvida em todo o estádio é apontada como uma das qualidades mais valorizadas de uma barra. Entre os momentos de maior orgulho para uma torcida, encontram-se sempre aqueles em que impuseram suas músicas, seus sons a uma torcida rival. Do mesmo modo, uma das maiores vergonhas possíveis é perder essa batalha sonora dentro da própria casa.

Ponha raça!: as canções de protesto

Os anos recentes foram especialmente duros para os torcedores colorados, marcados por longo hiato de troféus esportivos, incluindo a nível regional. Ainda assim, nada foi pior do que a temporada de 2016 quando, depois de algumas rodadas nas primeiras posições da Série A do Campeonato Brasileiro, o Internacional repentinamente despencou na tabela. Uma improvável sequência de quase três meses sem vitórias levou o time à zona de rebaixamento. Algumas rodadas mais tarde, nem as mudanças na direção de futebol e na comissão técnica foram suficientes para reverter o quadro e, em dezembro daquele ano, o clube foi rebaixado para a segunda divisão nacional pela primeira vez em sua história.

Um rebaixamento, por si só, representa um momento de crise grave para qualquer um dos chamados "times grandes" do Brasil. No caso do Inter, a situação se agravava em função da rivalidade Gre-Nal. Os colorados, ao contrário de seus rivais locais, tinham orgulho em dizer que jamais haviam sido rebaixados.

Nas eleições para o Conselho de Gestão do clube naquele mesmo ano, a Assembleia Geral dos sócios rejeitou dar continuidade à gestão que dirigiu o Internacional até o rebaixamento, elegendo de forma esmagadora Marcelo Medeiros, candidato da oposição, à presidência do Internacional. Ele teria a tarefa de devolver o clube à primeira divisão e recolocar o time na briga por títulos importantes. Seu primeiro mandato, entre 2017 e 2018, não foi fácil, pois combinou um desempenho esportivo abaixo do esperado com um importante ciclo vitorioso dos gremistas, que chegariam à sua terceira conquista da Copa Libertadores em 2017. Frustrados, muitos colorados protagonizaram recorrentes cenas de protesto a cada fracasso do time. Ainda assim, a inesperada boa classificação no Campeonato Brasileiro de 2018 contribuiria para que Medeiros se reelegesse naquele ano para o biênio seguinte. Em 2019, havia um misto de expectativas e cobranças em relação ao time do Inter. A inferioridade técnica em relação ao rival local persistia depois de um Campeonato Gaúcho perdido nos pênaltis. Apesar disso, ela parecia encurtar na comparação com o abismo das temporadas anteriores. Na Copa Libertadores e na Copa do Brasil, o time fazia frente a adversários difíceis, avançando às fases finais e dando esperanças à torcida.

O fim do inverno de 2019 foi repleto de jogos importantes. Num intervalo de semanas, o time recebeu Flamengo (28/08/19), Cruzeiro (04/09/19) e Athletico Paranaense (18/09/19), em noites de meio de semana que registraram sempre públicos superiores às 45 mil pessoas, quebrando, um após o outro, os recordes de lotação do estádio após a reforma de 2014. Foram dias em que a mobilização no bairro começava por volta do meio-dia, com a vinda de excursões e com o som de foguetes e cantorias, encerrando-se só depois da meia-noite. No jogo contra o Cruzeiro, a Guarda Popular organizou as "Ruas de fogo" no pátio do estádio para receber os jogadores e demonstrar apoio com um corredor pirotécnico formado pelo artifício de mais de uma centena de sinalizadores manuais. Com tamanha euforia, via-se nesses torneios a possibilidade de encerrar o jejum de títulos.

Apesar do ambiente favorável, o time sucumbiu nas quartas de final da Libertadores e na final da Copa do Brasil. O apoio oferecido pelos torcedores tinha também um componente de pressão, à medida em que a derrota não seria um resultado aceitável. A frustração logo foi convertida em críticas generalizadas e protestos de alguns setores da torcida. No jogo imediatamente posterior a uma destas derrotas, a Guarda Popular, por exemplo, se manteve em silêncio durante os primeiros 20 minutos da partida. Quando a banda começou a tocar, entoou apenas canções de protesto aos jogadores: "Oooh! Seja mais guerreiro! Oooh! Seja mais guerreiro! Isso é Inter, não é Grêmio!".

Os meses restantes da temporada seguiram sendo desapontantes e motivaram inúmeros protestos. Em outubro, o então técnico Odair Hellmann e o então vice-presidente de futebol Roberto Melo foram demitidos como indício de mudanças e como medida para acalmar a pressão sobre o time que ainda disputava a etapa final do campeonato brasileiro. Embora a direção fizesse promoções de ingressos, inclusive liberando acesso gratuito a todas as modalidades do quadro societário, os últimos jogos do ano não tiveram um volume de público semelhante àquele visto meses antes, atraindo em média 20 mil espectadores. Mesmo com as demissões, o desempenho do time não melhorou. Em suas canções, empregando palavras de ordem, a Guarda Popular endereçou a cobrança principalmente aos dirigentes, nomeando-os e pedindo suas saídas. As letras eram críticas: "Topamos fazer um trato entre jogadores e a Popular/ Honrem nossa camiseta que atrás do gol vamos te apoiar/ Joguem com raça, joguem com coração/ porque isso é Inter, para sermos campeões/ Sigo te amando e ninguém vai calar nossa festa".

Os protestos aconteceriam também fora das partidas de futebol. Na véspera de uma viagem do time, dezenas de torcedores apareceram no pátio com uma faixa: "Acabou a paz, mercenários!", enquanto entoavam: "Puta que pariu! Tem que ter raça pra jogar no Beira-Rio". Houve tumulto,

depredação e objetos lançados. A Brigada Militar foi chamada, chegando em poucos minutos ao local e realizando a detenção de três torcedores. Nestas circunstâncias, é comum que os jogadores sejam xingados. O curioso é que quando seus nomes são citados, as críticas normalmente não são fundamentadas em uma suposta falta de qualidade técnica. A acusação que lhes é dirigida costuma ser a de "mercenário", de modo que a culpa pelo desempenho ruim seria resultante da falta de comprometimento com o time e com a torcida, decorrente, portanto, do amor ao dinheiro e não ao clube. Quando a qualidade do grupo de jogadores é questionada ou considerada insuficiente, os alvos tendem a ser dirigentes e treinadores.

No futebol, o torcedor, desprovido do dom esportivo e do talento para jogar, se coloca como aquele que oferece ao clube e aos jogadores seu tempo, seu dinheiro e sua vida. No caso das torcidas, e especialmente das barras, coloca-se como aquele que inclusive briga e se expõe ao perigo por esse amor, aquele que "daria tudo, daria a vida" e que em troca "só pede mais esse campeonato", como bem dizem algumas das letras da Popular. Mais do que o dinheiro, esse torcedor oferece uma dádiva que não tem preço, até sacrificial (Martins, 2005), que, não raro, conduz ao autoconsumo. Seu dom é o olhar (Toledo, 2023): olhar jogando, aplaudindo, cantando, xingando. Nesta perspectiva, os jogadores dotados de dom e talento esportivos, por outro lado, são aqueles que devem sua vida profissional à paixão torcedora. São remunerados tanto na vitória quanto na derrota e sua adoração por parte de torcedores depende não só do desempenho dentro de campo como também da incorporação do pertencimento clubístico ou do ideário do clube (Damo, 2008).

As performances musicais com canções que exigem raça e empenho e os trapos que pedem um time "guerreiro" terminam por sugerir que a relação entre clube e torcida demanda uma reciprocidade para funcionar. No clubismo, o "apoio" não deixa de ser uma moeda simbólica, cuja retribuição é obrigatória por parte de dirigentes e jogadores. E estes demonstram ter noção disso, como quando expressam a ideia de que a cobrança e a vaia são um direito do torcedor. De forma semelhante ao que ocorre no caso de alguns movimentos sociais que se formam a partir da condição de vítima, demandando políticas de reparação (Goodwin; Jasper; Polletta, 2007; Fassin; Rechtman, 2009; Zenobi, 2014, 2023; Siqueira; Víctora, 2017), o "direito de protestar", muitas vezes referido no contexto do futebol, é autorizado e parece exemplificar o entrelaçamento entre emoções, espaço público e legitimidade política. Esta relação, contudo, é ambivalente e pode produzir efeitos também de desautorização quando transborda para a violência.

Canto, bebo e brigo: a festa hostil

Animosidade, hostilidade e vocação guerreira são elementos constituintes da performance torcedora da Popular e de outras torcidas. No caso de torcidas de tipo barra, nas quais não ocorre a formalização de instâncias políticas, a hostilidade aparece como um valor fundante do modo de organização do grupo e de sua socialidade (Teixeira Pinto, 2022; Teixeira Pinto; Damo, no prelo). Ela é essencial e deve ser elaborada para fora do grupo, como em tantas outras torcidas. Nas barras, no entanto, esta hostilidade pode ser mobilizada para dentro do grupo social. Não que isso não possa ocorrer em TOs, mas nas barras, há uma legitimidade da resolução violenta de conflitos internos, o que nos faz recordar dinâmicas políticas altamente centrífugas como aquelas que têm sido substancialmente abordadas em certos contextos de intenso faccionalismo (Clastres, 2016; Fausto, 2001; Sztutman, 2012).

Em outros momentos, discuti a hipótese de que a hostilidade e a guerra, nesta configuração torcedora, funcionam como mecanismos que dificultam a captura do grupo por lideranças. Não são aspectos anômicos ou antissociais, mas, em vez disso, apresentam-se como elementos de uma socialidade que valoriza o faccionalismo (Teixeira Pinto, 2022, p. 153-188). Temos, contudo, além da animosidade, outros elementos muito importantes na constituição desses grupos: a festa, a música, a celebração do clubismo. Nas performances desta torcida, há a demonstração do "amor ao clube", do "apoio" aos jogadores, do autoconsumo e do sacrifício de si. Na reciprocidade entre clube e torcida, a contrapartida não é em dinheiro, em vantagens de consumo nos produtos do clube ou em vitórias e títulos. Esta é a contrapartida esperada desde a lógica da clientelização ou do "sócio-torcedor" que está mais afeito a dedicar seu amor e seu dinheiro em função de variáveis como o desempenho do time e os custos financeiros do espetáculo. O que as torcidas organizadas esperam, por outro lado, é uma espécie de contradádiva devida pelos jogadores que devem retribuir o apoio prestado na forma de "dedicação", "raça", "compromisso" e de uma performance futebolística que combine técnica e bravura. Assim como Toledo (1996) apontava que sociabilidade e conflito não se contrapõem nas torcidas organizadas, mas formam a complexidade da experiência torcedora, venho argumentando que há um vínculo íntimo entre os atos de "apoiar" e de "cobrar" que acaba constituindo a economia moral (Fassin, 2014) de algumas torcidas. O custoso apoio concedido pelos torcedores deve ser retribuído pelo time com "sangue", "suor" e "honra à camisa".

Fonte: Autoria própria.

As cobranças podem eventualmente ser violentas, agressivas, incluindo um corpo a corpo intimidador com os jogadores – às vezes nos treinos, no estacionamento do estádio e até nas ruas da cidade. Penso que vale a pena explorar esta hostilidade, que pode ser dirigida a jogadores, a torcedores

rivais ou torcedores do mesmo clube, além de dirigentes, como um aspecto elementar da festa dessas torcidas, afinal os protestos, assim como as partidas de futebol, costumam ser musicados, tendo a presença da banda. O futebol, como rito disjuntivo (Toledo, 1996), coloca em oposição equipes de jogadores (ao menos dois times rivais) e comunidades de pertencimento clubístico (os clubes), e poderia ser pensado como uma festa cujo principal componente é a ritualização esportiva e festiva do antagonismo. Uma celebração que produz, dentro das regras do esporte e do "jogo limpo", o desequilíbrio entre as partes querelantes. Nesta festa, a hospitalidade para receber um rival em seu estádio, a "casa" dos times de futebol, está também eivada de hostilidade.

Neste jogo que combina celebração e antagonismo, o "convidado" é sempre um adversário. Para muitas torcidas, que nem sempre se orientam pelas noções do abstrato e eliasiano *fair-play*, que institui que um jogo é somente um jogo (Elias; Dunning, 1992; Damo, 2002; Toledo, 2020), o adversário/convidado chega a ser, a depender da rivalidade, inclusive um inimigo. Hospitalidade e hostilidade são termos em aparência opostos, mas em alguns contextos podem ser vistos combinados, como já apontado por Perrone-Moisés (2015) no caso de sociedades ameríndias das terras baixas, onde as festas são sempre oferecidas para forasteiros e inimigos. Elas, nestes casos, são uma modalidade de reprodução das relações de antagonismo com alteridades. São ainda espaços de troca, em que hospitalidade e hostilidade se entrelaçam sem que haja incompatibilidade. No caso xinguano, essas festas podem ser banquetes que, não raro, descambam em brigas, de maneira que festa também é guerra.

Os encontros entre algumas torcidas rivais são festivos e comportam diferentes artifícios sonoros e visuais, como apresentei acima. São beligerantes em igual medida e incluem disputas territoriais através de cânticos, faixas, bandeiras, pixos, grafismos, adesivos colados pela cidade, entre outros recursos que fazem parte da *festa hostil* torcedora. Assim, no conjunto estético apresentado pelas barras, muitas das músicas têm como tema a exaltação de um torcedor/guerreiro pronto para demonstrar seu amor pelo clube através das brigas. Vejamos o seguinte exemplo da versão da Popular para a conhecida música "*Every Breath You Take*" da banda inglesa The Police: "Haja o que houver, passe o que passar/ Aonde for jogar, também vou estar, sempre a te apoiar/ Eu canto, bebo e brigo pelo nosso amor/ Eu canto, bebo e brigo, não temo o perigo pelo nosso amor". Há, além desta, tantas outras canções com provocações e ameaças a rivais entoadas nas arquibancadas. O Grêmio e os gremistas são os alvos preferenciais: "Grêmio, vamos te matar! Grêmio, vamos te matar! Ninguém vai salvar/ nem a Federal", conforme canta a Guarda Popular a cada Gre-Nal.

Além da animosidade dirigida aos torcedores de times rivais, devo mencionar ainda como muitas dessas músicas empregam categorias racistas e homofóbicas com o intuito de agredir adversários. A torcida Geral do Grêmio, precursora entre as barras gaúchas, se notabilizou por empregar o termo "macaco" para identificar os torcedores colorados, de modo a reavivar a presença do componente racial na rivalidade Gre-Nal. Essa categoria aparece em muitas de suas canções que eram cantadas apesar de parcela da torcida gremista contestá-la, principalmente após a punição ao clube pelas ofensas racistas direcionadas ao goleiro Aranha na década passada. Um dos temas mais famosos diz: "Somos campões do mundo e da Libertadores também/ Chora macaco imundo que nunca ganhou de ninguém/ Somos a banda mais louca, a banda louca da Geral/ A banda que corre os macacos do Internacional".

As categorias homofóbicas são ainda mais comuns entre essas torcidas, sendo difícil encontrar alguma delas que não as use ou que nunca as tenha utilizado. A Popular costuma cantar: "Oh Grêmio puto/ não existe mais!" ou, parodiando músicas da Geral, "Lá no bairro da Azenha há uma banda puta que faz avalanche/ Se encocha o tempo inteiro e vive correndo até do Xavante/ Cuidado! Oh Grêmio! Nós vamos derrubar o chiqueiro". Vale dizer, que o setor da barra não é o único a cantar essas músicas. Em "*Atirei o pau no Grêmio*", uma canção de fim de jogo entoada para comemorar vitórias, é possível

ver todos os setores do Beira-Rio reproduzindo a coreografia e cantando: "Atirei o pau no Grêmio/ e mandei tomar no cu/ Oh Gremista filha da puta/ Chupa a rola e dá o cu/ Ei Grêmio, vai tomar no cu/ Olê Inter! Olê Inter/ Até morrer".

O repertório sonoro não é o único espaço em que a beligerância torcedora é reinventada ou em que a rivalidade é atualizada. Podemos elencar ainda o caso dos trapos das torcidas barras, que são faixas ou pedaços de pano colocados por torcedores nos estádios. Geralmente, prestam homenagem a ídolos do clube, não apenas jogadores, mas eventualmente torcedores ilustres; eles fazem referências a pertencimentos individuais, como uma menção a alguma cidade ou bairro; recordam grandes títulos conquistados; provocam rivais; ou deixam mensagens de apoio aos jogadores. Enfim, as possibilidades são incontáveis e os torcedores sabem ser bastante inventivos.

A proliferação dos trapos tem a ver com a facilidade de confecção, dado que são feitos artesanalmente com materiais precários, sem grandes custos, revelando a "simplicidade" do torcedor. Em suma, com qualquer pedaço de pano e um pouco de tinta, é possível produzir um novo trapo. Este aspecto não é um simples detalhe. Após pesquisa sobre a Geral do Grêmio, Rodrigues considera que

> [O trapo] OS BORRACHOS DA GERAL, agora tido como o primeiro trapo, que surgiu logo depois do trapo IMORTAL TRICOLOR / LARA VIVE, demonstram no seu modo artesanal de confecção, antes mesmo do que dizem os seus escritos, o que movia aqueles torcedores: dar o que tiver e fazer o que puder pelo Grêmio. Determinados a não depender mais de subsídios da direção do clube, por entender que são o Grêmio e sua torcida maiores que tais administrações, os torcedores passaram a confeccionar essas pequenas faixas, carregadas de simbolismo, tanto para torcedores, como para os jogadores em campo. Além disso, serviam para demarcar o território que agora era ocupado por torcedores dispostos a erguer estandartes de incentivo às vitórias, enaltecer ídolos e heróis do passado e colocar nas frases o perfil da torcida da amizade, do alento e do trago (Rodrigues 2012: 80).

Uma questão importante que o autor identifica é a forma como os torcedores se territorializam no estádio. Os trapos ajudam a identificar uma determinada torcida com um setor específico do estádio, assim eles indicam a quem pertence aquele espaço. Além disso, os trapos não são descartáveis. Esse fator os distingue de bandeiras e camisetas do time que são produzidos em larga escala, comercializados e obtidos por meio do dinheiro. Em vez disso, os trapos são obrigatoriamente pessoalizados, pois possuem suas próprias histórias que revelam aspectos de sua fabricação, de seus donos, de localizações específicas no estádio etc. Vejamos como surgiu um dos trapos mais conhecidos na torcida gremista:

> Uma outra faixa, que ocupa a mureta da lateral do campo, no lado oposto às cabines de rádio e TV, relembra um feito histórico (...): JAMAIS NOS MATARÃO – 26/11/2005. A data é referente à partida mítica, que decidia o quadrangular final da Série B do Campeonato Brasileiro de 2005, (...) responsável pelo aumento da mística da imortalidade do time, daquele que luta bravamente até o final de cada partida (Rodrigues 2012: 82-83).

Assim, os critérios para avaliação de um trapo não mensuram simplesmente qual é "mais bonito" ou "melhor elaborado". Trapos são objetos biográficos (Kopytoff, 1986; Miller, 2013) que nascem em algum momento e que necessariamente reportam a uma temporalidade diferente daquela dos noventa minutos da partida de futebol. Um trapo se torna famoso quando remete a uma memória da torcida: as

relações que os torcedores desenvolvem a partir do agenciamento destes artefatos (Gell, 2018) são visivelmente diferentes se compararmos com peças e artigos industrializados e comercializados. Sendo artigos extremamente pessoalizados, não surpreende que sejam os trapos, ao lado dos instrumentos musicais, justamente os principais alvos de roubos entre torcidas ou que eles sejam tratados como troféus quando ganhos em confrontos físicos (Aragón, 2007). Isso porque, na guerra entre torcidas, o adversário subjetivado como inimigo deve, diferentemente da guerra moderna (Leirner, 2005), ser concebido na condição de uma alteridade pessoalizada. Não obstante, o roubo, a obtenção ou a destruição dos artefatos precisam ser exibidos publicamente, o que costuma acontecer dentro ou fora dos estádios.

Considerações finais

A relação entre festividade e futebol é amplamente reconhecida, até óbvia. Enquanto os jogadores executam gestos técnicos, demonstrações de destreza e bravura dentro de campo, os torcedores não jogam com a bola mas, como tem observado Toledo (2023), olham jogando. E este olhar – que aplaude, canta, vaia, xinga, até mesmo briga e se autoconsume – é parte essencial da relação com os jogadores de futebol e seus times. No Brasil, a poética da expressão das emoções torcedoras esteve arranjada por umas quantas modalidades estéticas e, principalmente, musicais ao menos desde os anos 1930 e 1940 quando clubes, agentes do estado e chefes de torcida engendraram as Torcidas Uniformizadas (TUs). Se, por um lado, buscou-se a imposição de "disciplina férrea" (Teixeira Pinto; Damo, no prelo) à torcida pela coibição de seus "maus hábitos" – os xingamentos, as brigas e as bebedeiras – por outro, conferiu um aspecto carnavalizado ao futebol. Assim, as charangas, com suas marchinhas, musicaram e coloriram os estádios. Com seu declínio, a partir da década de 1960, o descontentamento com o oficialismo e a impossibilidade da oposição política motivaram TOs, independentes e/ou jovens, a romperem com a forma de organização e, não menos importante, com suas formas estéticas: baterias de escola de samba e bandeirões redesenharam as arquibancadas. Constituídas como associações formais de torcedores, algumas das quais inclusive criaram exitosas escolas de samba, estas torcidas foram bem-sucedidas ao se fazerem ouvir dentro dos clubes – e aqui, não me refiro apenas a suas músicas. As TOs, nem sempre alinhadas aos quadros dirigentes, ora insubmissas, ora cooptadas, se mostraram, pelo exercício de protestos e cobranças. importantes agentes nas disputas políticas internas.

As barras, ao surgirem inspiradas em torcidas argentinas e uruguaias e se afirmarem no Rio Grande do Sul, impuseram nova imagem e nova sonoridade: murgas e metais, canções mais cantadas do que gritadas, bandeirolas, trapos, papel picado; de um lado, a *avalanche* da Geral do Grêmio, de outro, as *ruas de fogo*, da Guarda Popular. Criaram uma festa feita de um conjunto diverso de elementos estéticos em que as *performances* musicais desempenham um rol central. Mais do que isso, elas são moduladas em relação aos eventos esportivos e políticos do clube. Tais performances torcedoras, assim como as das TOs, conseguem combinar "apoio" e "cobrança", "festa" e "animosidade", sem que haja uma contradição entre esses elementos. Assim, desde apontamentos a partir da antropologia das emoções, nota-se como existem formas adequadas e esperadas quanto à expressão dos afetos, entre eles o "amor ao clube", o que permite enfatizar o conflito e a vocação guerreira como fatores fundantes da festa hostil nessas torcidas.

A agenda dos estudos das torcidas de futebol, tenha avançado pela investigação da violência ou da festa, produziu relevantes teorias para compreender aspectos identitários, assim como os valores e as

moralidades neste contexto de lazer. Na abordagem proposta, em busca de integrar as dinâmicas torcedoras às dinâmicas antagonísticas da competição, a agressividade das torcidas não é posicionada desde uma suposição de que a violência está presente em alguns torcedores e em outros não. Trata-se, em vez disso, de compreender quais são as modulações da hostilidade, pensada como um elemento presente e condizente com a festa decorrente do jogo. Tal hostilidade se apresenta nos duelos entre clubes, entre jogadores, entre dirigentes e, por certo, entre torcedores. Nas torcidas, porém, esta hostilidade festiva deve ser dirigida a adversários e, eventualmente, a jogadores, dirigentes e até torcedores de seu próprio clube.

Referências

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004a.

ALABARCES, Pablo. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre "Brasil, decime qué se siente". **El Oído Pensante**, [*s. l.*], v. 3, n. 1, p. 43–61, 2015. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/51197. Acesso em: 28 Fev 2025.

ALABARCES, Pablo. Veinte años de Ciencias Sociales y deporte en América Latina: un balance, una agenda. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [*s. l.*], v. 58, p. 159–179, 2004b. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/279. Acesso em: 28 Fev 2025.

ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga; MOREIRA, María Verónica. El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, [*s. l.*], v. 14, n. 30, p. 113–136, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200005&lng=es&tlng=es. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.1590/S0104-71832008000200005

ARAGÓN, Silvio. **"Los trapos se ganan en combate". una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la "barra brava" de san lorenzo de almagro**. Lanús: Antropofagia, 2007.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities: football, polo, and the tango in Argentina**. Oxford; New York: Berg, 1999.

ARMSTRONG, Gary. **Football hooligans: knowing the score**. Oxford: Berg, 2003.

ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (org.). **Football Cultures and Identities**. London: Palgrave Macmillan UK, 1999.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris Editora, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; HIJÓS, Maria Nemesia. Significados das emoções no futebol brasileiro e argentino: um diálogo em contextos etnográficos distintos. **FuLiA / UFMG**, [*s. l.*], v. 2, n. 1, p. 80–102, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13795. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.17851/2526-4494.2.1.80-102

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, Macaco e Veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [*s. l.*], v. 22, n. 3, p. 985, 2016. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61508. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.22456/1982-8918.61508

BROMBERGER, Christian; HAYOT, Alain; MARIOTTINI, Jean-Marc. **Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1995.

CHAIM, Aníbal. **Futebol, corações e mentes: os torcedores na perspectiva do Estado**. 2018. 314 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - USP, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-06122018-121608/pt-br.php. Acesso em: 28 fev. 2025.

CLASTRES, Pierre. **Sociedade contra o Estado**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

COOK, Nicholas. **Beyond the score: music as performance**. New York: Oxford University Press, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros E Heróis - Para Uma Sociologia Do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [*s. l.*], v. 23, n. 66, p. 139–150, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.1590/S0102-69092008000100009

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, [*s. l.*], v. 57, n. 2, p. 45–72, 2012. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30571. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.5380/his.v57i2.30571

DOMINGUEZ, Maria Eugenia. Irreverência e tradição em uma orquestra de tango: a versão como transgressão. **Ilha Revista de Antropologia**, [*s. l.*], v. 13, n. 1,2, p. 269–288, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/27884. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p269

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FASSIN, Didier. Compaixão e Repressão: A Economia Moral das Políticas de Imigração na França. **Ponto Urbe**, [*s. l.*], n. 15, 2014. Disponível em: http://journals.openedition.org/pontourbe/2467. Acesso em: 17 fev. 2025. 10.4000/pontourbe.2467

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood**. Princeton: Princeton Univ. Press, 2009.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Edusp, 2001.

FELD, Steven. **Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression**. [*S. l.*]: Duke University Press, 2012.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, [*s. l.*], v. 16, n. 2, p. 311–325, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132010000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.1590/S0104-93132010000200003

GELL, Alfred. **Arte e agência**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, [*s. l.*], v. 163, p. 293–350, 2010. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.11606/issn.2316-9141.v0i163p293-350

GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, Norman; HEPWORTH, Mike (org.). **Football, violence, and social identity**. London ; New York: Routledge, 1994.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca. Emotional Dimensions of Social Movements. *In*: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (org.). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 413–432.

GORDON, Robert; GRUNDLINGH, Marizanne. Going for the Reds: Max Gluckman and the Anthropology of Football. *In*: SCHWELL, Alexandra *et al.* (org.). **New Ethnographies of Football in Europe**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 21–36.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=112137. Acesso em: 28 Fev 2025.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; CHAIM, Aníbal. Order and Progress on the Grandstands: Sports Journalism and the Genesis of Uniformed Football Fans During the Political Regime of the Estado Novo (1937–1945). *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). **Football and Social Sciences in Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2021. p. 113–129.

KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. *In*: APPADURAI, Arjun (org.). **The Social Life of Things**. [*S. l.*]: Cambridge University Press, 1986. p. 64–92.

LEIRNER, Piero. Perspectivas antropológicas da guerra. **BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**, [*s. l.*], n. 60, p. 43–63, 2005. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/287. Acesso em: 28 Fev 2025.

LEITE LOPES, José Sérgio. Esporte, Emoção e Conflito Social. **Esporte, Emoção e Conflito Social**, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 141–166, 1995.

LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (org.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge; New York : Paris: Cambridge University Press ; Editions de la maison des sciences de l'homme, 1990.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [*s. l.*], n. 73, p. 45–66, 2005. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/954. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.4000/rccs.954

MAUSS, Marcel. Joking relations. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, [*s. l.*], v. 3, n. 2, p. 321–334, 2013. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.14318/hau3.2.023. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.14318/hau3.2.023

MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa**. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apùap World Hearing: On the Kamayurá Phono-Auditory System and the Anthropological Concept of Culture. **The World of Music**, [*s. l.*], v. 41, n. 1, p. 85–96, 1999. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/41700115. Acesso em: 28 Fev 2025.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Audição do Mundo Apùap II Conversando com "Animais", "Espíritos e outros Seres. Ouvindo o Aparentemente Inaudível. **Antropologia em Primeira Mão**, [*s. l.*], n. 134, p. 1–21, 2012. Disponível em: https://antropologiaprimeiramao.paginas.ufsc.br/files/2012/11/134_rmbastos_audicao.pdf.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NOLETO, Rafael da Silva; PÉREZ GUARNIERI, Augusto. Antropología de la Música en América Latina y el Caribe. **Ponto Urbe**, [*s. l.*], v. 32, n. 2, p. e232486, 2024. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/pontourbe/article/view/232486. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.11606/issn.1981-3341.pontourbe.2024.232486

PACHECO, Leonardo Turchi. Futebol, masculinidade e a "amizade sem limites". **Ponto Urbe**, [*s. l.*], n. 14, 2014. Disponível em: http://journals.openedition.org/pontourbe/1450. Acesso em: 17 fev. 2025. 10.4000/pontourbe.1450

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Festa e guerra**. 2015. 126 f. Tese (Livre-Docência em Etnologia Ameríndia) - USP, São Paulo, 2015.

PINHEIRO, Caio. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas : das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)**. 2020. 424 f. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214026. Acesso em: 28 Fev 2025.

RIOS, Fábio Daniel Da Silva; COELHO, Maria Claudia Pereira. Emoção e Masculinidade no Universo do Futebol no Brasil. **Cadernos Pagu**, [*s. l.*], n. 58, p. e205807, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332020000100506&tlng=pt. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.1590/18094449202000580007

ROJO, Luiz Fernando. A produção do gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções. *In*: COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos (org.). **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011. p. 45–61.

ROJO, Luiz Fernando. Emoções e esporte em diálogo. *In*: CAMARGO, Wagner Xavier de; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando (org.). **Vinte anos de diálogos: Os esportes na antropologia brasileira**. Brasília e Curitiba: ABA Publicações, 2021.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de campo**, [*s. l.*], v. 17, n. 17, p. 237–260, 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695. Acesso em: 28 Fev 2025. doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v17i17p237-260

SEEGER, Anthony. Fazendo parte: sequências musicais e bons sentimentos. **Revista AntHropológicas**, [*s. l.*], v. 24, n. 2, p. 7–42, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23801. Acesso em: 28 Fev 2025.

SIQUEIRA, Monalisa Dias De; VÍCTORA, Ceres. O corpo no espaço público: Emoções e processos reivindicatórios no contexto da "Tragédia de Santa Maria". **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [*s. l.*], n. 25, p. 166–190, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872017000100166&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 Fev 2025. doi.10.1590/1984-6487.sess.2017.25.09.a

SZTUTMAN, Renato. **O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens**. 2012. - Edusp FAPESP, São Paulo, SP, Brasil, 2012.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas**. 1998. 221 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

TEIXEIRA PINTO, Vinícius. **Sociedades do torcer - uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil**. 2022. 408 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - UFRGS, Porto Alegre, 2022.

TEIXEIRA PINTO, Vinícius. A emergência da democracia no futebol: política e eleições no Sport Club Internacional. **Revista Bras. Ci. Soc.**, [*s. l.*], v. 39, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/fLjjm4nbSzS8K8wvskvh4Vn/. Acesso em: 07 jul. 2025. https://doi.org/10.1590/39031/2024

TEIXEIRA PINTO, Vinícius; DAMO, Arlei Sander. Do pertencimento aos faccionalismos – dinâmicas políticas na produção de associações pelas torcidas brasileiras. **Revista de Antropologia**, [*s. l.*], v. 68, no prelo.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença. **Horizontes Antropológicos**, [*s. l.*], v. 26, n. 56, p. 255–291, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832020000100255&tlng=pt. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.1590/s0104-71832020000100011

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [*s. l.*], v. 52, p. 133–165, 2001. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/241. Acesso em: 28 Fev 2025.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Identidades e conflitos em campo: a "guerra do Pacaembu". **Revista USP**, [*s. l.*], v. 0, n. 32, p. 108, 1997. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26035. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.11606/issn.2316-9036.v0i32p108-117

TOLEDO, Luiz Henrique de. O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol. **Revista de Antropologia**, [*s. l.*], v. 66, 2023. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/204066. Acesso em: 27 fev. 2025. 10.11606/1678-9857.ra.2022.204066

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS/Autores Associados, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Jogar, lutar, torcer: olhares etnográficos sobre futebol e rituais ameríndios. **Etnografica**, [*s. l.*], v. 27, n. 1, p. 27–50, 2023. Disponível em: http://journals.openedition.org/etnografica/12856. Acesso em: 28 Fev 2025. 10.4000/etnografica.12856

TURNER, Victor W. **The ritual process: structure and anti-structure**. New York: Aldine de Gruyter, 1995.

WACQUANT, Loic. **Corpo E Alma**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.

ZENOBI, Diego. **Familia, política y emociones: Las víctimas de Cromañón entre el movimento y el Estado**. Buenos Aires: Antropofagia, 2014.

ZENOBI, Diego (org.). **Víctimas: debates sobre una condición contemporanea**. Buenos Aires: Teseo Editorial, 2023.